OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X

CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA
uniarq

2 - 2018

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 2 – 2018

Direcção e Coordenação Editorial:
Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:
André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre vaso cerâmico de Camposoto (desenho de António Sáez Romero / Joan Ramon Torres).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2018

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2018, os autores

Edição:
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA FLUL LETRAS LISBOA

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA uniarq

OPHIUSSA

VOLUME 2, 2018, PÁGINAS 185-194. SUBMETIDO A 26.03.2018. ACEITE A 11.06.2018.

FRAGMENTOS DO ORIENTE EM LEITE DE VASCONCELOS

FRAGMENTS OF THE ORIENT IN LEITE DE VASCONCELOS

ALEXANDRA NEPOMUCENO[1]

RESUMO

Pretende-se averiguar o interesse de José Leite de Vasconcelos (1858-1941) pelo Oriente como área ou tema de investigação através da sua participação em encontros científicos, nomeadamente o Congresso Internacional de Orientalistas e o Congresso de Arqueologia do Cairo. O intelectual surge associado à organização do X Congresso Internacional de Orientalistas, previsto para ter lugar em Lisboa no ano de 1892, publicando três ensaios no âmbito desse encontro. Analisam-se esses ensaios, e indaga-se a respeito da presença do Oriente na sua obra, de que forma e com que relevância. Através da sua participação em duas sessões do Congresso de Arqueologia do Cairo, em 1905 e em 1909, tentar-se-á clarificar como as suas investigações, etnográficas e/ou arqueológicas, reforçam o seu papel de colecionador de fragmentos do Oriente.

Palavras-chave: Leite de Vasconcelos; Congresso Internacional de Orientalistas; Oriente; Arqueologia; Etnografia.

ABSTRACT

It is intended to investigate the interest of José Leite de Vasconcelos (1858-1941) in the Orient as an area or subject of research through his participation in scientific meetings, namely the International Congress of Orientalists and the Cairo Archeology Congress. The intellectual is associated with the X International Congress of Orientalists, which was supposed to be held in Lisbon in the year of 1892, publishing three essays in the framework of this meeting. These essays are analyzed, and the presence of the Orient in his work is investigated, in what form and with what relevance. Through his participation in two sessions of the Cairo Congress of Archeology in 1905 and 1909, he will try to clarify how his ethnographic and / or archaeological investigations reinforce his role as a collector of Orient fragments.

Keywords: Leite de Vasconcelos; International Congress of Orientalists; Orient; Archeology; Ethnography.

1 - CEC - Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. xana_nep@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo insere-se num projeto de investigação em curso, titulado por *Textos e Contextos do Orientalismo Português – Congressos Internacionais de Orientalistas (1873-1973)*, (PTDC/CPC-CMP/0398/2014), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Projeto 3599 – Promover a Produção Científica, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação – Não Cofinanciada.

Através da análise da participação portuguesa nestes congressos pretende-se colocar Portugal num contexto amplo de produção de conhecimento, quer académico quer científico, sobre o Oriente. Investiga, assim, o que Edward Said designou como a aceção mais académica do termo «orientalismo»: «Quem ensine, escreva ou investigue sobre o Oriente – quer se trate de um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo –, tanto nos seus aspectos específicos como gerais» (2004: 2); se quem ensina, escreve ou investiga sobre o Oriente no final do século XIX é um orientalista, «aquilo que ele ou ela fazem é orientalismo» (Said 2004: 2).

Da lista de participantes nos vários Congressos de Orientalistas que decorreram entre 1873 e 1973 consta o nome de José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Linguista, filólogo, etnógrafo, arqueólogo, este académico polifacetado surge associado apenas a um Congresso Internacional de Orientalistas, mais precisamente ao que iria realizar-se em Lisboa, em 1892. Centrando-se nessa participação, que se traduziu na publicação de três breves ensaios sob a chancela da Sociedade de Geografia de Lisboa, assim como em duas outras participações no Congresso de Arqueologia do Cairo, em 1905 e em 1909, o presente trabalho assume-se como um estudo de caso sobre a presença do Oriente na obra de Leite de Vasconcelos, tendo por base essas participações.

Já muito se escreveu sobre o autor. O seu espólio tem sido dissecado, analisado e divulgado por numerosos investigadores. Uns têm versado a sua prática etnográfica e arqueológica (por exemplo, Lira 1960; Fabião 2008); outros analisam as suas contribuições para a epigrafia e a dialetologia (por exemplo, Cabral 2000; Guimarães 2009). Outros ainda estudam a sua poesia (por exemplo, Barroso 2008). Mas quanto à presença do Oriente na sua obra a literatura é escassa, resumindo-se ao trabalho *Impressões do Oriente: de Eça de Queiroz a Leite de Vasconcelos* (2008), da autoria de Luís Raposo, com o apoio do Museu Nacional de Arqueologia.

Para cumprir o objetivo proposto, dividirei o presente trabalho em quatro partes: na primeira, traçarei uma breve biografia do autor; na segunda, introduzirei os Congressos Internacionais de Orientalistas, apresentando sucintamente o Congresso de Lisboa; de seguida, identificarei as três contribuições do autor para este congresso, com base numa leitura sistematizada desses textos; na quarta parte abordarei a importância das suas viagens ao Egito, no âmbito do Congresso de Arqueologia em 1905 e em 1909, para apreciar o colecionismo de Leite de Vasconcelos de fragmentos do Oriente.

Para a realização deste trabalho foram feitas diversas visitas a bibliotecas nacionais, como a da Sociedade de Geografia de Lisboa, a do Museu Nacional de Arqueologia e a da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

2. PERFIL BIOGRÁFICO DE LEITE DE VASCONCELOS

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu na aldeia de Ucanha, do atual concelho de Tarouca, a 7 de julho de 1858. Em 1876, com 18 anos de idade, mudou-se para o Porto. Foi aqui que iniciou os seus estudos no Colégio de S. Carlos, terminando em 1879. Entre 1879 e 1881, tirou o curso de Ciências Naturais na Academia Politécnica do Porto. No mesmo ano de 1881, a 26 de setembro, matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. A 20 de dezembro de 1886 recebeu o prémio Macedo Pinto por ter sido o melhor aluno do curso de Medicina, concluindo os seus estudos em 1887, com a dissertação *A Evolução da Linguagem*, e recebendo o seu diploma a 15 de abril. Chegou a exercer medicina durante seis meses, no Porto e na vila do Cadaval, na qualidade de subdelegado de saúde.

Ainda em 1887, Leite de Vasconcelos foi nomeado conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, mantendo-se neste cargo até 1911. A partir de 1888, abandonando a sua atividade médica, dedicou-se à área do ensino, tornando-se professor de Numismática naquela instituição. Para além da Biblioteca Nacional, também exerceu funções de docência no Liceu do Carmo em Lisboa (como professor interino de Português, Latim e Francês).

Em 1893 propôs a criação o Museu Etnológico (hoje Museu Nacional de Arqueologia) com o objetivo de divulgar as origens e as tradições do povo português. O acervo deste museu constituiu-se, inicialmente, do resultado de escavações arqueológicas que realizou um pouco por todo o país e não só.

Entre 1899 e 1901, doutorou-se em Filologia Românica pela Universidade de Paris – Sorbonne –, apresentando a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Frequentou ainda outros cursos no Collège de France, estudando Filologia e Arqueologia, e na École Pratique des Hautes Études de Paris, onde cursou História da Filologia, obtendo o diploma de aluno titular.

A 22 de agosto de 1911, Leite de Vasconcelos foi nomeado professor extraordinário da recém-criada Faculdade de Letras da Universidade Lisboa, onde lecionou diferentes disciplinas até 1928: Língua e Literatura Latinas, Filologia Portuguesa, Filologia Românica (depois Gramática Comparada das Línguas Românicas, Linguística Românica), Língua e Literatura Francesas, Epigrafia, Numismática e Esfragística, e ainda Arqueologia. A propósito desta última, é de salientar que, a 17 de abril de 1914, recorreu a Bernardino Machado (1851-1944), então ministro dos Negócios Estrangeiros e do Interior, a solicitar que lhe fosse atribuída a categoria de professor titular dessa cadeira, em virtude da sua formação académica e científica naquela área.

Com o propósito de divulgar as suas pesquisas e reflexões, e as de outros investigadores seus contemporâneos, surgiram, de sua iniciativa, diversos periódicos, nomeadamente: *O Pantheon: revista de sciencias e lettras* (1880); *o Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas* (1882); a *Revista Lusitana: archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal* (1887); *O Archeólogo Português: collecção illustrada de materiaes e noticias* (1895); e o *Boletim de Etnografia* (1920).

Foi agraciado com diversos títulos e condecorações, como o de Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Filosofia Rheinischen Friedrich Wilhelms da Universidade de Bona (a 20 de julho de 1925); o grau de Grã-cruz da Ordem da Instrução Pública e Benemerência (a 22 de outubro de 1930); o de comendador da Legião de Honra de França (a 9 de novembro de 1930); a medalha de ouro de Mérito Municipal atribuída por iniciativa administrativa do município de Lisboa (a 18 de junho de 1936); o grau de Grã-cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada (a 7 de março de 1937); e o de Doutor *Honoris Causa* pela Universitatea Regele Carol II na Roménia (a 30 de junho de 1938). Leite de Vasconcelos faleceu no dia 17 de maio de 1941, com 82 anos de idade.

Como se vê por este breve percurso pela sua vida, Leite de Vasconcelos movimentou-se sobretudo por espaços e círculos de discussão em território europeu, preferencialmente entre Portugal e França.

O seu espólio encontra-se repartido entre o Museu Nacional de Arqueologia (nomeadamente documentação referente a ciências históricas e etnográficas, manuscritos, compreendendo anotações das suas aulas, esboços e plantas de monumentos, desenhos de objetos e artefactos de índole arqueológica e etnográfica, correspondência e objetos pessoais), a Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (sobretudo documentação nas áreas da linguística e da literatura), a Fundação Mário Soares, a Fundação Manuel Viegas Guerreiro e por outras instituições de colecionadores particulares. Uma parte significativa dos materiais arqueológicos que encontrou está também hoje patente no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

3. CONGRESSO INTERNACIONAL DE ORIENTALISTAS EM 1892 – LISBOA

O século XIX, marcado pelas ideias de progresso, ciência e tecnologia, assistiu à emergência de inúmeros encontros internacionais de debate científico. Enquanto homem da ciência e académico, Leite de Vasconcelos participou em diversos congressos nacionais e internacionais. Podemos mencionar, a título de exemplo, a sua participação no Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas em 1880 em Lisboa, ou em setembro de 1930 em Coimbra, assim como na primeira e na segunda sessões do Congresso Arqueológico do Cairo, em 1905 e 1909, ou no Congresso Internacional de Arqueologia em Roma, em 1912, onde presidiu à secção de Arqueologia Pré-histórica, ou ainda no Congresso de Escritores Galegos e Portugueses, em agosto de 1924 na Corunha. A sua presença era nítida, sobretudo em congressos de arqueologia e antropologia, não sendo totalmente estranha a sua associação, em 1892, a um Congresso Internacional de Orientalistas, para mais a ter lugar em Portugal.

A ideia de criar um Congresso Internacional de Orientalistas partiu da iniciativa de Léon de Rosny (1837-1914), professor na École Impériale et Spéciale des Langues Orientales e presidente da Sociedade de Etnografia de Paris. Fundado na capital francesa, o congresso foi constituído, em 1873, com base em estatutos e em comissões internacionais e nacionais de apoio ao comité central.

Reunindo investigadores e intelectuais oriundos dos vários continentes, mas sobretudo da Europa, este tipo de evento visava contribuir para a consolidação dos Estudos Orientais como área

disciplinar. O sucesso do primeiro congresso foi tal que levou à sua continuação em diferentes cidades: Londres (1874); São Petersburgo (1876); Florença (1878); Berlim (1881); Leiden (1883); Viena (1886); Estocolmo e Cristiania (1889); Londres (1891 e 1892); Lisboa (1892 – cancelado); Genebra (1894); Paris (1897); Roma (1899); Hamburgo (1902); Argel (1905); Copenhaga (1908); Atenas (1912); Oxford (1928); Leiden (1931); Roma (1935); Bruxelas (1938); Paris (1948); Istambul (1951); Cambridge (1954); Munique (1957); Moscovo (1960); Nova Deli (1964); Ann Arbor (1967); Camberra (1971); e Paris (1973).

Entre 1873 e 1973 realizaram-se trinta congressos, e as temáticas neles debatidas privilegiaram, sobretudo, as línguas, literaturas e religiões orientais, bem como a história do relacionamento entre culturas (Este-Oeste), abordadas a partir de uma perspetiva preferencialmente filológica, antropológica, etnográfica ou arqueológica. Na sequência do congresso que se realizou em Estocolmo e Cristiania em 1889, agudizou-se uma divisão entre orientalistas, que esteve na origem de um cisma temporário no seio da comunidade, que se debatia sobre a autoridade dos estatutos criados aquando da inauguração do evento em Paris (1873), por sua vez interligada com questões de reconhecimento de legitimidade científica para falar sobre o Oriente, sendo notória a vontade de excluir participantes ditos amadores, isto é, que não fossem académicos. Fruto desse cisma foi a realização de dois congressos consecutivos na cidade de Londres, em 1891 e 1892, o que os estatutos não permitiam, sob lideranças diferentes e com visões distintas sobre quem deveria participar neste tipo de evento (Rabault-Feuerhahn 2012).

Foi neste ambiente de discórdia que, na sequência do encontro de Londres de 1891, se agendou o X Congresso Internacional de Orientalistas em Lisboa, a ter lugar de 23 de setembro a 1 de outubro de 1892 e seguindo os estatutos e princípios do congresso fundador de Paris. Este evento, que começou a ser preparado a partir de abril, teria como instituição organizadora a Sociedade de Geografia de Lisboa e o patrocínio régio de D. Carlos I, e seria presidido por António do Nascimento Pereira Sampaio, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa na altura.

O programa científico do evento estava dividido em vinte e quatro secções: a) sumário das investigações orientais desde 1891; b) 1.º línguas semíticas, exceto o árabe; 2.º o árabe e o Islão; 3.º assiriologia; 4.º palestinologia; c) línguas arianas (1.º sânscrito e hinduísmo, 2.º o páli e o budismo, 3.º o iraniano e o zoroastrianismo); d) a África à exceção do Egito; e) egiptologia; f) Ásia Central e Dardistão; g) religiões comparadas (mitologia, filosofia, história); h) línguas comparadas; i) incitamento aos estudos orientais; j) estudos indo-chineses; k) sinologia; l) estudos japoneses; m) estudos dravinianos; n) Malásia e Polinésia; o) questionários para exploradores; p) filologia etnográfica; q) arte, arqueologia, numismática e a arte industrial do Oriente; r) relações com os sábios e povos do Oriente; s) linguística oriental, comercial, etc.; t) antropologia, a ciência e os produtos naturais e artificiais do Oriente; u) o Oriente e a América; v) o Oriente e Portugal; x) secção especial sobre as Filipinas; y) exposição de livros e objetos (doados essencialmente pelo Leal Senado de Macau e pela Académie d'Hippone, da Argélia).

Para este evento contava-se com a presença de, pelo menos, vinte e cinco participantes estrangeiros e vinte participantes portugueses de diversas áreas do saber – incluindo Leite de Vasconcelos –, nomeadamente: André Paulo de Andrade (?-1908), Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840-1914), António Cândido de Figueiredo (1846-1925), António Lopes Mendes (1835-1894), António Pereira de Paiva e Pona (1849-1899), Constâncio Roque da Costa (1858-1934), David Lopes (1867-1942), Demétrio Cinatti (1851-1921), F. de Assis Clemente (184[?]-1902), Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), Francisco M. Esteves Pereira (1854-1924), Guilherme de Vasconcelos Abreu, Jerónimo P. de A. da Câmara Manuel (?-1905), José Daniel Colaço (1831-1907) e Júlio Rey Colaço, (1844-1900), José M. Bénoliel (1857-1942), Luciano Cordeiro, (1844-1900), Sebastião Dalgado (1855-1922) e Tomás de Aquino Morão Garcez Palha (1842-1904).

Muitos destes participantes portugueses mantinham ligações diretas com Leite de Vasconcelos, com quem debatiam questões relacionadas, sobretudo, com linguística, em particular dialetologia e etimologia, e arqueologia. No Museu Nacional de Arqueologia, para além de se encontrarem diplomas e programas dos vários congressos a que assistiu, de entre cerca de 24.101 cartas endereçadas a Leite de Vasconcelos por cerca de 3.686 personalidades (Coito 2011), tanto portuguesas quanto estrangeiras, sobressai uma correspondência intensa com alguns destes estudiosos (como Vasconcelos Abreu, Luciano Cordeiro, Gonçalves Viana ou Adolfo Coelho) e outros como o linguista alemão Hugo Schuchardt (1842-1927) ou o egiptólogo francês Gaston Maspero (1846-1916), também eles participantes noutras sessões do

Congresso Internacional de Orientalistas.

Para além da Sociedade de Geografia de Lisboa, Leite de Vasconcelos era membro de grande parte das instituições que se associaram ao Congresso de 1892, como é o caso da Associação Real dos Arquitetos Civis e Arqueólogos Portugueses, da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade Martins Sarmento, do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano ou da Academia Real da História de Madrid.

Apesar dos esforços envidados para acolher o evento em Lisboa, a 10 de setembro de 1892, Luciano Cordeiro, secretário organizador do décimo congresso e secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, expedia o seguinte telegrama: "Lisbonne, 10 septembre 1892. Congrès Orientalistes ajourné par arrête Gouvernement cause précautions sanitaires" (Ramos 1996: 125). O evento foi cancelado de véspera por iniciativa portuguesa, ficando conhecido como «malogrado» e sobrepondo-se-lhe o Congresso de Londres, que estava a ser organizado em simultâneo. Porém, ficaram impressas pela Sociedade de Geografia de Lisboa, na Imprensa Nacional, as contribuições da maioria dos participantes, em memória ao congresso que nunca viria a ter lugar em Lisboa.

4. A PARTICIPAÇÃO DE LEITE DE VASCONCELOS NO CONGRESSO DE LISBOA

Leite de Vasconcelos tornou-se sócio ordinário da Sociedade de Geografia de Lisboa a 3 de março de 1890, com o número de registo 1674, desenvolvendo, nesse âmbito, uma vasta atividade científica e cultural. Desempenhou na Sociedade os cargos de secretário (1891), vice-presidente (1894 e 1898) e, de novo, presidente (1900) da Secção de Viagens e Etnografia, tornando-se presidente da Secção de Etnografia em 1916. Sendo Lisboa o palco de acolhimento previsto para o Congresso Internacional de Orientalistas em 1892 e a Sociedade de Geografia a instituição organizadora, esperava-se uma grande afluência de participantes portugueses e, em particular, de membros desta instituição, mesmo que os seus trabalhos ou áreas de interesse científico não estivessem diretamente relacionados com o tema abrangente do Oriente, como era o caso de Leite de Vasconcelos.

No âmbito deste evento, foi-lhe incumbida a tarefa de secretariar a comissão executiva, presidida pelo conde de Ficalho, juntamente com outros especialistas em diversas áreas do saber, alguns dos quais tinham já acumulado experiência de participação em sessões anteriores deste congresso, como é o caso de Gonçalves Viana. Leite de Vasconcelos preparou três breves trabalhos em memória do congresso de Lisboa, em francês, que foram impressos pela Imprensa Nacional ainda em 1892: *Sur le dialecte portugais de Macao*; *Sur les amulettes portugaises*; e *Sur les religions de la Lusitanie*. Os dois últimos textos estão tematicamente interligados e são acompanhados de subtítulos, *Résumé d'un mémoire* e *Abrégé d'un mémoire* respetivamente, que dão conta de que estudos mais aprofundados estariam a ser preparados.

O texto *Sur le dialecte portugais de Macao* consiste, como o título indica, num contributo para a dialetologia portuguesa a partir do estudo de caso de Macau, embora este não seja, na verdade, o ponto de partida, mas antes um dos vários pontos de chegada. De acordo com Leite de Vasconcelos, a língua portuguesa atravessou diversas fases, podendo falar-se, em primeiro lugar, da transição de um português pré-histórico para um português proto-histórico, seguindo-se um estádio que Leite de Vasconcelos descreve como português antigo ou arcaico, antecessor do português moderno. Centrando-se na dialetologia moderna, o autor propõe subdividir os dialetos populares em categorias, como codialetos, dialetos ou subdialetos. Exemplos de codialetos são o galego, o mirandês, o guadramilês e o riodonorês. No caso da língua portuguesa, o autor refere os dialetos interamnense, transmontano, beirão, meridional (na zona continental); açoriano e madeirense (na zona insular); e brasileiro e crioulo (nas ex-colónias), em que insere o português de Macau. Leite de Vasconcelos cita ainda autores, seus contemporâneos e também participantes nos Congressos Internacionais de Orientalistas, nomeadamente Adolfo Coelho, Lucien Adam (1833-1918) e Hugo Schuchardt, por terem sublinhado a importância de estudar crioulos e sendo por ele considerados pioneiros.

Enquanto filólogo, Leite de Vasconcelos desenvolveu vários trabalhos tomando como objeto de estudo a dialetologia portuguesa, como é o caso do polémico *Dialecto Mirandez* (1882) ou de *Sub-Dialecto Alemtejano* (1883), *Dialectos Beirões* (1884), *Dialectos Extremenhos* (1885), *Dialectos Interamnenses* (1885), *Dialectos Algarvios* (1886), *Dialectos Transmontanos* (1890-1893) e *Dialectos Açoreanos* (1890-1893). Leite de Vasconcelos continuaria o seu estudo sobre crioulos, publicando, quatro anos mais tarde, *Dialectos Crioulos Portugueses de África* (1897-1899).

Já o texto *Sur les amulettes portugaises*, preparado para ser apresentado na secção de Religiões Comparadas (Mitologia, Filosofia, Leis, Ciências Orientais, História) do congresso, é sobre amuletos usados em território nacional. Segundo o autor, o amuleto é um objeto portátil, inconsciente e impessoal, pequeno e quase sempre com uma forma particular, natural ou artificial, que se associa à magia e a que se atribuem propriedades singulares de proteção contra o mal. Neste texto, e seguindo a sua tendência para a categorização, Leite de Vasconcelos estabelece quatro categorias de amuletos: amuletos cuja virtude dependeria do aspeto externo, forma e cor; amuletos cuja virtude dependeria da natureza da sua substância; amuletos cuja virtude adviria ao mesmo tempo do aspeto externo e da natureza da substância, dando origem a amuletos mistos; e ainda amuletos que quanto maior o número de substâncias compondo a sua natureza, mais eficazes seriam as suas virtudes.

Os amuletos portugueses são, segundo o autor, vestígios das religiões dos povos que ao longo dos séculos ocuparam o território. A sua origem é, por isso, diversa, podendo ser associada aos tempos primitivos, a uma origem romana ou a uma origem semítica. Neste sentido, o autor salienta a necessidade de observar cada caso isoladamente e de realizar estudos comparativos. É apenas neste ponto do texto que Leite de Vasconcelos se aproxima do Oriente, ao sugerir uma possível proveniência oriental (semítica) dos amuletos em uso no território português. Comparado com o texto anterior, a adequação deste breve ensaio a um Congresso Internacional de Orientalistas é ténue, mostrando que o tema do Oriente não foi tomado como central à sua investigação, mas como complementar ou auxiliar à compreensão de comportamentos culturais simbólicos.

Antes do «malogrado» congresso de 1892, Leite de Vasconcelos já tinha escrito sobre amuletos portugueses em diversos periódicos, como «Amuletos italianos e portuguezes» (*Boletim Folklorico*, 1882) ou «Amuletos populares portugueses» (*Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, 1882). Após o ano de 1892, Leite de Vasconcelos continuou a publicar outros artigos sobre os amuletos. Exemplo disso são «Amuletos (plano dum estudo)» (*O Arqueólogo Português*, 1900) e «Amuleto de coral» (*Boletim de Etnografia*, 1929).

Por fim, *Sur les religions de la Lusitanie* será porventura o trabalho mais importante dos três textos preparados para o congresso, não por abordar o tema do Oriente de forma direta ou exaustiva, até porque não o faz, mas antes porque consiste num estudo preliminar de um trabalho de maior fôlego que viria a publicar anos depois, em português, sob o mesmo título. *Religiões da Lusitânia* compreende três volumes, também publicados pela Imprensa Nacional, que saíram em 1897, por ocasião da celebração do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia (promovido pela Sociedade de Geografia de Lisboa), em 1905 e em 1913, respetivamente.

Este estudo das religiões da Lusitânia destinava-se inicialmente para publicação na *Revista de Portugal*[2], tendo como título provisório «*Notícia das religiões da Lusitânia*». Acabaria por ser apresentado, de forma bastante sucinta, ao Congresso de Orientalistas e só mais tarde desenvolvido e acrescido de novas informações. O próprio Leite de Vasconcelos dá conta da história desta que é consensualmente aceite como uma das suas obras mais importantes: «E tem a seguinte singela historia: começou por ser um artigo pequeno para um periódico litterario, artigo que não chegou a publicar-se; depois esteve para formar uma dissertação ou memoria destinada a um congresso; por fim, como o assunto augmentava cada vez mais, passou de opúsculo a volume, e successivamente a 2.º e 3.º.» (Vasconcelos 1913: VII).

Alegando falta de tempo para compor um trabalho mais aprofundado e carência de imagens para ilustrar certos dados, o autor acabou por redigir para o congresso, em cerca de nove páginas, apenas um esboço do trabalho que gostaria de vir a desenvolver, com vista a «projectar alguma pouca luz numa das matérias mais obscuras e mais desconhecidas da nossa historia – as religiões da Lusitânia» (Vasconcelos 1897: VIII).

Na memória, utilizando o termo *Lusitânia* «(…) comme significant l'époque ancienne de l'Occident de l'Ibérie, à peu près jusqu'au temps des Arabes» (Vasconcelos 1892: 3), Leite de Vasconcelos subdivide a história da Lusitânia em três períodos: a Lusitânia pré-histórica ou primitiva; a Lusitânia proto-histórica ou pré-romana; e a Lusitânia romana. Em relação ao primeiro período, o da Lusitânia pré-histórica, o autor refere que a religião seria algo elementar, sendo possível reconhecer o culto dos mortos, o uso de amuletos (identificados no texto anterior) e ainda a adoração das estrelas. Considera que estas práticas estariam enraizadas na fisiolatria e na necrolatria. Para o segundo período, a Lusitânia proto-histórica, o autor menciona que, através de monumentos arqueológicos – usados, portanto, como documentos históricos –, é possível inferir a

respeito dos hábitos religiosos desse tempo, que assentariam sobretudo no animismo e no naturismo. Por fim, para o terceiro período, a época luso-romana, o autor evidencia a forte influência do culto romano. A religião romana está patente na paisagem arqueológica de Portugal através de templos, altares, estátuas, estatuetas, amuletos, como o santuário de Endovélico[3], o Templo de Évora, divindades no Algarve ou túmulos de mármore esculpido, que, no entanto, o autor não nomeia.

Refira-se apenas que, em 1890, e no seguimento do trabalho publicado por Gabriel Pereira[4] sobre *O Santuario de Endovellico*, em 1889, Leite de Vasconcelos procedeu à realização de "escavações arqueológicas" nas ruínas da velha ermida do santuário, com o intuito de recuperar no local elementos escultóricos e epigráficos. Esta intervenção seria o seu primeiro trabalho arqueológico, desencadeando um interesse pelo passado, e estaria na origem do projeto de organização de uma coleção de apontamentos sobre as religiões primitivas de Portugal. É, por isso, em 1890 que situamos o início do projeto de escrita sobre as *Religiões da Lusitânia*.

Destinando-se *Sur les religions de la Lusitanie* a um congresso de orientalistas, Leite de Vasconcelos salientou os deuses romanos de origem oriental mencionados em monumentos epigráficos, que testemunham a riqueza da religião romana. Dos deuses romanos de origem oriental, o autor destaca: de origem egípcia, Ísis e o sincrético Serápis; de origem persa, Mitra; de origem frígia, *Mater Deum*; e por fim, de origem síria, Sol Invicto. Esta enumeração não é, porém, desenvolvida na memória.

Para tentar agilizar o processo de escrita quer de *Sur les amulettes portugaises* quer *Sur les religions de la Lusitanie*, ou eventualmente atenuar falhas decorrentes do curto prazo para a produção dos textos, recorreu a Francisco Martins Sarmento (1833-1899), como comprova o conjunto de cerca de 73 cartas que lhe endereçou, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia, nas quais Leite de Vasconcelos apela a esclarecimentos sobre materiais, partilha as suas novas aquisições arqueológicas ou solicita o envio de bibliografia.

Numa carta datada de 18 de maio de 1892, Leite de Vasconcelos pede a Sarmento desde desenhos a estampas ou objetos inéditos que pudessem ser relevantes para o Congresso de Orientalistas: «Desejava, porém, apresentar o maior n.º de factos, e de dar sobretudo estampas inéditas. Pedia eu a V. Ex.ª o obséquio de me mandar, não tendo nisso dúvida, e podendo, desenhos do que tiver, quer no Museu quer em casa, que veja que me interessa» (Vasconcelos - Sarmento 1958: 136). Após uma intensa atividade epistolar dando conta sobretudo da importância de incluir estampas que documentassem as práticas cultuais e religiosas patentes em território nacional desde a pré-história, no dia 11 de junho de 1892, Leite de Vasconcelos recebe da parte de Martins Sarmento os desenhos pedidos: «Estão magnificamente feitos (…)» (Vasconcelos - Sarmento 1958: 142). Esses desenhos não foram, porém, incluídos na memória ao Congresso.

5. PARTICIPAÇÃO DE LEITE DE VASCONCELOS NO CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA DO CAIRO, EM 1905 E EM 1909

Após o rumo ao «malogrado» congresso de 1892, registaram-se duas viagens de Leite de Vasconcelos para fora de território europeu, o Egito, em 1905 e em 1909, proporcionadas pela sua participação em duas reuniões de um evento de divulgação científica internacional: a primeira e a segunda sessões do Congresso de Arqueologia do Cairo. Este evento tinha por objetivo divulgar e evidenciar a importância das campanhas de escavação no Egito, que começaram a proliferar no início do século XIX após a campanha napoleónica de 1798-1801.

A primeira sessão do congresso, organizada e presidida pelo estudioso da cultura egípcia Gaston Maspero (1846-1916), realizou-se entre os dias 7 e 14 de abril de 1905. O programa do evento continha seis secções: 1) Arqueologia clássica; 2) Arqueologia pré-histórica e oriental; 3) Escavações e museus, conservação e monumentos; 4) Epigrafia e numismática; 5) Arqueologia bizantina; 6) Formação em arqueologia. Leite de Vasconcelos, afiliado à Biblioteca Nacional de Lisboa, participou na quarta secção, no dia 10 de abril, com a comunicação em francês «La signification religieuse, en Lusitanie, de quelques monnaies percées d'un trou» (1905), que veio a ser publicada no periódico *O Arqueólogo Português*. Como o próprio título indica, este texto pretendia expor o significado religioso de moedas usadas na Lusitânia patenteando imagens de divindades ou símbolos religiosos. Segundo Leite de Vasconcelos, essas moedas seriam, muitas vezes, oferecidas aos templos por serem consideradas como amuletos. Reforça a ideia de que, com o trabalho arqueológico, seria possível determinar os cultos que diversas moedas documentam.

A segunda sessão do congresso foi agendada para abril de 1909, mais propriamente entre os dias 10 e 15. O programa era constituído também por seis secções com as seguintes temáticas: 1) Arqueologia pré-clássica; 2) Arqueologia clássica; 3) Papirologia; 4) Arqueologia religiosa; 5) Arqueologia bizantina; 6) Numismática e geografia. Na qualidade de representante da Academia das Ciências de Lisboa, José Leite de Vasconcelos presidiu à secção de Arqueologia Pré-Histórica, onde participou com a comunicação «Présentation d'une palette égyptienne ovoide» (1909), publicada nas atas do Congresso Internacional de Arqueologia.

Por conta da sua participação neste evento, visitou museus e monumentos na capital egípcia, e ainda em Alexandria e em Luxor, bem como outros locais com interesse arqueológico na Europa, como Espanha, França e Itália. Regressou a Portugal a 20 de junho do mesmo ano.

Foi desta segunda visita ao Egito que Leite de Vasconcelos trouxe cerca de 70 objetos: «comprei alguns objectos para o Museu, e obtive outros de graça» (Vasconcelos 1915: 134). Inicialmente, foram agrupados numa coleção de objetos estrangeiros antigos e modernos, que continha: «machados de pedra polida, semelhantes aos da Europa; chapas de lousa; tabulas de oferendas aos deuses, figurinhas, fragmentos de papiros, uma mumia, almofariz de pedra, esculturas várias, lucernas de diversos tipos, amuletos, loiças, anel magico, calamo, etc.» (Vasconcelos 1915: 261). Estes achados, aquisições e oferendas foram depositados na Sala Egípcia do Museu Nacional de Arqueologia e agrupados na coleção de antiguidades egípcias, atualmente patente na exposição permanente. Esta coleção consiste nas poucas apropriações (materiais) do Oriente por parte de Leite de Vasconcelos.

Se, para o Congresso Internacional de Orientalistas, envidou esforços no sentido de obter registos visuais de um património nacional que estava em ruína e que testemunhariam lugares de memória histórica e coletiva, no âmbito da sua participação nos Congressos de Arqueologia do Cairo procurou sobretudo objetos que ajudassem a materializar o seu Museu Etnológico num lugar de memória, num espaço simbólico que seria necessário conservar e (re)visitar tanto quanto a própria memória histórica (Nora 2016).

Através do texto «Acquisições do Museu Etnológico Português», de José Carvalhaes (1911), foi possível fazer um levantamento de todo o material doado a Leite de Vasconcelos ou por ele adquirido e comprado no ano de 1909, no desenrolar das suas andanças pelo Egito.

No Cairo, adquiriu vários amuletos de prata egípcios, três cálamos para escrever árabe, um fuso moderno com cossoiro de barro e maçaroca, quatro facas de sílex pré-históricas, contas de vidro vindas da Síria, figuras egípcias patentes em túmulos, uma conta de vidro embutida e duas tabuletas egípcias com inscrições em grego e em egípcio, ou seja, «(…) etiquetas de madeira para identificação de múmias, uma com inscrição em demótico, outra com inscrição copta» (Araújo 1993: 58; 2008: 12).

Em Alexandria, visitou o Museu Greco-romano cujo diretor E. Breccia lhe ofereceu alguns objetos das épocas helenística e romana, por exemplo vasos e candeias. No mesmo local, o presidente do Tribunal Misto de Alexandria, A. de Sousa Larcher, ofereceu-lhe dois unguentários (um de barro e outro de vidro) e uma candeia de barro do século III a.C. Em Lucsor, adquiriu outros objetos como um disco de barro, três machados de pedra do Alto Egito, uma bracelete de pedra pré-histórica, três óstracos de Tebas (grego e copta) e vários fragmentos papiráceos.

Para além destes materiais claramente ligados a práticas ritualísticas e cerimoniais, Leite de Vasconcelos adquiriu outros, desconhecendo-se, porém, as circunstâncias em que foram obtidos: no Alto Egito adquiriu sete pontas de seta, um pires de alabastro de Armant (Egito) datado de um período entre a IV e a XII dinastias, um anel de prata e oito placas de bronze pré-históricas do Alto Egito de 5000 a 4000 anos a.C., com semelhanças com as placas lusitanas: «Entre os objectos adquiridos figura uma colecção de placas de lousa prehistoricas, de grande importância, pela semelhança que ha esses objectos egipcios e os nossos da mesma época» (Vasconcelos 1915: 134).

6. CONCLUSÕES

> «(…) fui levado, pela successiva complexidade do trabalho, a occupar-me das cousas antigas, quando ellas serviao, no circulo dos meus estudos, para aclarar os factos da actualidade.» (Vasconcelos 1897: XXVII)

José Leite de Vasconcelos passou anos a registar, observar e descrever tudo aquilo que fosse pertinente para clarificar a compreensão do património cultural português. O seu método de trabalho apoiou-se numa importante rede de contactos e de trabalho colaborativo, de que Martins

Sarmento é apenas um exemplo. Com efeito, o espólio de Leite de Vasconcelos dá bem conta da importância dessa rede na atualização e disseminação do conhecimento científico assim como do trabalho de campo, aproveitando ao máximo as suas viagens para recolher os elementos necessários aos seus trabalhos, e do registo visual dos materiais levantados.

Neste artigo estabeleci três datas como marcos emblemáticos da apropriação do Oriente por parte de Leite de Vasconcelos: aquando do não realizado Congresso Internacional de Orientalistas em 1892, na cidade de Lisboa, para o qual escreveu três breves ensaios, incidindo não apenas sobre o dialeto de Macau, mas também sobre os amuletos ou os deuses romanos de origem oriental, e aquando do Congresso de Arqueologia do Cairo, em 1905 e em 1909, em que, para além de ter apresentado comunicações, recolheu inúmeros objetos evocatórios das civilizações do Próximo Oriente e os trouxe para Portugal.

Se, por um lado, o Congresso Internacional de Orientalistas, em 1892, serviu para Leite de Vasconcelos maturar reflexões e linhas de investigação mais de ordem filológica, etnolinguística e das religiões comparadas, que estiveram na origem de obras maiores, por outro lado, a viagem ao Egito, para além de permitir uma aproximação geográfica e empírica a um espaço dito oriental, foi crucial para o seu trabalho arqueológico.

Os espaços orientais que versou – resumindo-se sobretudo a breves incursões sobre o dialeto de Macau ou o panteão romano de origem oriental patente na paisagem histórica nacional – e de que se apropriou – diretamente em solo egípcio – confirmam-no como um colecionador de fragmentos dispersos do Oriente.

Notas

[2] - A Revista de Portugal foi editada pela primeira vez no Porto em 1889; dirigida por Eça de Queirós, contou com a colaboração de Antero de Quental, António Feijó, Fialho de Almeida, José Leite de Vasconcelos, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Raúl Brandão.

[3] - O Santuário de Endovélico situa-se em S. Miguel da Mota, Alandroal, no distrito de Évora.

[4] - Gabriel Pereira (1847-1911) trabalhou com José Leite de Vasconcelos na Biblioteca Nacional de Lisboa, tendo sido conservador na mesma instituição entre 1888 e 1902.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (1905) – *Comptes rendus du Congrès International d'Archéologie. 1er Session, Athènes 1905*. Athènes.

ARAÚJO, L. M. (1987) – A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português* IV-5: 241-257.

ARAÚJO, L. M. (2008) – *Impressões do Oriente: de Eça de Queiroz a Leite de Vasconcelos. Impressões do Oriente*. Lisboa.

BABELON, E. (1909) – Le Congrès international d'archéologie classique, 2e session. Le Caire, avril 1909. *Comptes rendus des séances de l'Academie des Inscriptions* 53e année - 5: 355-366.

BARROSO, M. S. (2008) – A lira, a pedra, a formosa fonte: tópicos para uma leitura da poesia de José Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português* IV-26: 433-450.

CABRAL, C. S. (2000) – *Filologia Portuguêsa, pelo Ex.mo Sr. Doutor J. Leite de Vasconcelos*. Dissertação de mestrado em Linguística Histórica, Românica e Crítica Textual (Universidade de Lisboa).

CARVALHAES, J. (1911) – Acquisições do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português* XVI: 103-125.

FABIÃO, C. (2008) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941): Um archeólogo português. *O Arqueólogo Português* IV-26: 91-126.

GUIMARÃES, R. D. (2009) – *José Leite de Vasconcelos e o percurso da dialetologia portuguesa*. Trás-os-Montes e Alto Douro.

LIRA, M. (1960) – *Leite de Vasconcelos e a cultura etnográfica em língua portuguesa*. Porto, vol. III.

NORA, P. (2016) – Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. In ALVES, F. M. - SOARES, L. A. - RODRIGUES, C. V. (org.), *Estudos de memória. Teoria e análise cultural*. V.N. Famalicão: 51-73.

RABAULT-FEUERHAHN, P. (2012) – «La science la robe au vent». Le congrès international des orientalistes et la disciplinarisation des études orientales. *Dossiers d'HEL* 5: 1-16.

RAMOS, J. D. (1996) – *Estudos luso-orientais: séculos XII-XIX*. Lisboa.

SAID, E. W. (2004) – *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente* (tradução de Pedro Serra). Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. (1892) – *Sur le Dialecte Portugais de Macao: exposé d'un mémoire destine à la 10ème Session du Congrès International des Orientalistes*. Lisboa.

VASCONCELOS, J. L. (1892) – *Sur les amulettes*

portugaises. Résumé d'un mémoire destiné à la 10ème Session du Congrès International des Orientalistes. Lisboa.
VASCONCELOS, J. L. (1892) – *Sur les Religions de la Lusitanie. Abrégè d'un mémoire destine à la 10ème Session du Congrès International des Orientalistes*. Lisboa.
VASCONCELOS, J. L. (1897-1905-1913) – *Religiões da Lusitânia* (vol. I, II e III). Lisboa.
VASCONCELOS, J. L. (1915) – *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Lisboa.
VASCONCELOS, J. L.; SARMENTO, F. M. (1958) – *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento: arqueologia e etnografia 1879-1899*. Guimarães.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Commitee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): https://publicationethics.org/

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU .

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal´s editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Commitee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): https://publicationethics.org/

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address http://ophiussa.letras.ulisboa.pt, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

2 - 2018

ÍNDICE

CRISTINA GAMEIRO - A tecnologia lítica do fim do Tardiglaciar no centro de Portugal: o exemplo do Abrigo 1 de Vale de Covões (Soure) 5

JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO - FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ - CRISTÓBAL PÉREZ BAREAS - LILIANA SPANEDDA - Una nueva lectura de las fortificaciones calcolíticas del Cerro de la Virgen (Orce, Granada, España) 25

THOMAS TEWS - A quadratura do círculo: sobre a questão da escolha de planta na arquitectura doméstica, no exemplo da Pré-História Recente e Proto-História na Estremadura Portuguesa .. 39

ÍRIS DA COSTA DIAS - A ocupação da Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras) durante o Bronze Final: a colecção de Gustavo Marques 59

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ - FERNANDO AMORES CARREDANO - ROCÍO IZQUIERDO DE MONTES - ANA MARÍA JIMÉNEZ FLORES - Dos enterramientos singulares de la necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla) 75

FRANCISCO B. GOMES - Equipamentos de culto nos santuários da Idade do Ferro do Sul de Portugal: os altares 101

ANA SOFIA ANTUNES - Fornos / silos aéreos da arquitectura sidérica peninsular: a propósito de uns "fundos de cabana" e de umas estruturas circulares da Azougada 111

ANTONIO M. SÁEZ ROMERO - Pucheros y fogones. Aproximación a la evolución de la producción de «cerámicas de cocina» púnicas y tardopúnicas en Gadir 137

MARIA JOSÉ DE ALMEIDA - Contributo para a normalização do registo de informação arqueológica a partir do estudo da via Emerita-Olisipo por Ebora 167

ALEXANDRA NEPOMUCENO - Fragmentos do Oriente em Leite Vasconcelos 185

DANIEL CARVALHO - A História da Arqueologia no novo milénio: dimensões, métodos e perspectivas para o caso português 195

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de Juan Álvarez García, Francisco B. Gomes e Elisa de Sousa) 205

JEAN GUILAINE. DOUTOR *HONORIS CAUSA* PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA (textos de Mariana Diniz, Victor S. Gonçalves e Jean Guilaine) 213

CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq